

Brasil quer 2 bilhões do FMI

Negociador Jório Dauster espera mudar quadro de prejuízo nas operações com Fundo

Rio — Quando a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) deixar o País no dia 18, a equipe econômica do governo espera ter concluído um acordo *stand-by*, pelo qual o Brasil passe a receber US\$ 2 bilhões em dinheiro novo, equivalente à totalidade de sua cota disponível no Fundo, em Direitos Especiais de Saque (DES) e ouro. Essa expectativa, segundo o embaixador especial para negociação da dívida externa, Jório Dauster, fundamenta-se no direito do Brasil em reverter uma situação de balanço financeiro com o Fundo, inteiramente desfavorável nos últimos cinco anos. De acordo com Dauster, entre 1985 e 1989 o Brasil acumulou um saldo negativo de US\$ 4,7 bilhões nas suas transações financeiras com o FMI e, nesse período, houve um único ingresso de recursos, de US\$ 470 milhões, correspondente à primeira parcela do acordo firmado pelo ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, em 1988. Depois disso, as demais parcelas não foram liberadas porque o Brasil não cumpriu as metas econômicas firmadas no acordo, segundo alegou o FMI na época.

O governo quer não apenas reverter essa situação desfavorável, mas também elevar o empréstimo *stand-by* para US\$ 2 bilhões e não se limitar a 70% de sua cota (US\$ 1,4 bilhão), como é praxe do FMI na sua relação com os países devedores. O negociador da dívida admite ser difícil o Brasil obter toda a sua cota, mas argumenta que na atual negociação a equipe do FMI que veio ao Brasil não encontrou um governo com intenções e promessas de alcançar metas de estabilização para sua economia no futuro, como nas negociações passadas. “Dessa vez eles encontraram um plano em plena execução e já com resultados

efetivos alcançados”, justifica Dauster. Nesse sentido, o diplomata brasileiro contesta as críticas de que há atraso na negociação da dívida. “Tudo o que está acontecendo está no ritmo da ações do governo. É o mais rápido que podemos, mas depende do nosso ritmo”, explica.

Segundo Dauster, o chefe da Divisão do Atlântico Sul do FMI, Thomas Reichmann, só chegará ao Brasil amanhã, como estava previsto, e seu encontro com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, só acontecerá na terça-feira. Na segunda-feira, depois de conhecer os números sobre a economia brasileira já levantados pela sua equipe, Reichmann terá a primeira reunião de trabalho com o negociador da dívida. Jório Dauster considera natural que pequenos e médios bancos estrangeiros estejam liquidando suas posições nas linhas de crédito de curto prazo e despedindo-se da dívida brasileira. “Com a aproximação do final do compromisso dessas linhas, a 30 de março de 91, é normal que eles saiam”, afirmou.



Antônio Batalha/AE — 1/6/90

Jório Dauster: em quatro anos, saldo negativo de US\$ 4,7 bilhões